



**Políticas Públicas  
na Educação Brasileira**  
Avanços, Limites e Contradições

**Atena Editora**

 **Atena** Editora  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

**Ano  
2018**

Atena Editora

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO  
BRASILEIRA: AVANÇOS, LIMITES E  
CONTRADIÇÕES**

---

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Edição de Arte e Capa:** Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P769 Políticas públicas na educação brasileira: avanços, limites e contradições / Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.  
242 p. – (Políticas Públicas na Educação Brasileira; v. 12)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-93243-86-8  
DOI 10.22533/at.ed.868182604

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.  
I. Série.

CDD 379.81

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO I**

A DIMENSÃO EDUCATIVA DA MÍDIA NA PROBLEMATIZAÇÃO DA MORTE –  
EVIDENCIANDO UM PARADOXO HUMANO

*Angela Morais da Silva*..... 6

### **CAPÍTULO II**

AVALIAÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO MEDIO: UMA ANÁLISE SOBRE O  
CONTEÚDO DO SISTEMA CARDIOVASCULAR

*Isabel Joane do Nascimento de Araujo e Paulo Augusto de Lima Filho* ..... 17

### **CAPÍTULO III**

COMO ESTUDANTES DO PRIMEIRO PERÍODO DO DIREITO GEREM SEU TEMPO? UMA  
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA TRÍADE DO TEMPO DE CHRISTIAN BARBOSA

*Adair José dos Santos Rocha e Cláudia Madrona Moreira Haas* ..... 29

### **CAPÍTULO IV**

CULTURA E SAÚDE: UMA EXPERIÊNCIA DIALÓGICA EM HOMEOPATIA POPULAR

*Germana Lima de Almeida, Danielle dos Santos Costa e Geovânia da Silva Toscano*  
..... 46

### **CAPÍTULO V**

EDUCAÇÃO CINEMATOGRAFICA CATÓLICA NO COLÉGIO REGINA COELI, EM LIMOEIRO-  
PE, NA DÉCADA DE 1950: ALGUNS APONTAMENTOS.

*Haroldo Moraes de Figueiredo, Lara Colognese Helegda e Marcelo Manoel Melo de  
Lima*..... 57

### **CAPÍTULO VI**

EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO BASE PARA UM PRÉ-NATAL DE QUALIDADE: UMA  
REVISÃO INTEGRATIVA

*Elaine Viviane da Silva, Gabriela Gerlaine Tabosa da Silva e Luciene Peixoto da Silva*  
..... 70

### **CAPÍTULO VII**

EDUCAÇÃO INTEGRAL: CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO HUMANA EM DISPUTA

*Raphael Mota Guillarducci* ..... 78

### **CAPÍTULO VIII**

EDUCAÇÃO POPULAR E PEDAGOGIA FREIREANA: CONTRIBUIÇÕES DOS ANOS 60 PARA  
A ATUALIDADE

*Kelyana da Silva Lustosa*..... 91

## **CAPÍTULO IX**

EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E PROTAGONISMO JUVENIL: UM ESTUDO A PARTIR DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO INTERIOR DO CEARÁ  
*Francisco Mário de Sousa Silva, Luiza Maria Valdevino Brito, Ademar Maia Filho, Maria Ayrilles Macêdo e Zuleide Fernandes de Queiroz*..... 103

## **CAPÍTULO X**

EMBATES ENTRE A MATEMÁTICA E A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – EM BUSCA DE DEMARCAÇÃO DE LIMITES DE ÁREAS.  
*Luiz Fernandes da Costa* ..... 114

## **CAPÍTULO XI**

ENGAJAMENTO ESCOLAR E SEU PAPEL NA PROMOÇÃO DO BOM DESEMPENHO ACADÊMICO  
*Deliane Macedo Farias de Sousa* ..... 127

## **CAPÍTULO XII**

ENTRE O DIALÓGICO E O EMOCIONAL NAS ABORDAGENS EDUCATIVAS SOBRE O USO DO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS  
*Francisco José Figueiredo Coelho, Priscila Martinhon-Tamiasso e Célia Sousa*... 138

## **CAPÍTULO XIII**

INFÂNCIA E SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DA INFÂNCIA.  
*Ariane Crociari e Marcia Cristina Argenti Perez* ..... 147

## **CAPÍTULO XIV**

INTERDISCIPLINARIDADE NO BRASIL EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
*Maria Ayrilles Macêdo, Francisco Mário de Sousa Silva, Ademar Maia Filho, Luiza Maria Valdevino Brito e Zuleide Fernandes de Queiroz* ..... 156

## **CAPÍTULO XV**

O INSTRUTOR DE CONDUTORES DE VEÍCULOS: UM AGENTE DE LETRAMENTO PARA O TRÂNSITO  
*Klébia Ribeiro da Costa e Ana Maria de Oliveira Paz* ..... 170

## **CAPÍTULO XVI**

O PEDAGOGO HOSPITALAR: ATUAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES  
*Antonio Jose Araujo Lima e Ronaldo Silva Júnior* ..... 182

## **CAPÍTULO XVII**

PERCURSO HISTÓRICO DO AUTISMO INFANTIL PARA A PSICANÁLISE E PARA A PSIQUIATRIA  
*Jaqueline Tubin Feira e Giseli Monteiro Gagliotto* ..... 194

**CAPÍTULO XVIII**

PROJETO DE MANEJO DA ARBORIZAÇÃO PARA O ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL NO  
CAMPUS DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ – SANTO ANDRÉ, SP  
*Luísa Ameduri e Dagmar Santos Roveratti* ..... 207

**CAPÍTULO XIX**

TRABALHO PEDAGÓGICO EM PESQUISA NO ÂMBITO DA LEITURA IMANENTE

*Ciro de Oliveira Bezerra, Luzenilda da Silva Emiliano, Thays Rosa do Nascimento e  
Laura Santos de Oliveira*..... 224

Sobre os autores.....235

## **CAPÍTULO XVII**

### **PERCURSO HISTÓRICO DO AUTISMO INFANTIL PARA A PSICANÁLISE E PARA A PSIQUIATRIA**

---

**Jaqueline Tubin Fieira  
Giseli Monteiro Gagliotto**

## PERCURSO HISTÓRICO DO AUTISMO INFANTIL PARA A PSICANÁLISE E PARA A PSQUIATRIA

**Jaqueline Tubin Feira**

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

**Giseli Monteiro Gagliotto**

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

**RESUMO:** O presente artigo propõe investigar historicamente, o percurso teórico acerca do autismo na criança, para a psicanálise e para a psiquiatria. Salientamos que o autismo, por ser um tema permeado de tabús, gera questionamentos e interesses em diferentes áreas do conhecimento. O desenvolvimento da sexualidade na criança é um tema pouco discutido e repleto de preconceitos culturais e sociais. A presente pesquisa indagou, dialeticamente, o desenvolvimento da sexualidade na criança com autismo. O autismo, classificado pelo DSM-V (2013) como TEA (Transtorno do Espectro Autista) é um tema que vem ganhando visibilidade social e ocupando, cada vez mais, espaço nas pesquisas acadêmicas e científicas. No entanto, objetivamos discutir teoricamente, como o autismo se configurou, para a psiquiatria e para a psicanálise. Como o método de pesquisa é o materialista histórico dialético, a investigação histórica e crítica acerca do autismo, se faz necessária para a compreensão dos caminhos e do percurso do estudo sobre a criança com autismo nos moldes atuais. O presente artigo é uma pesquisa de cunho bibliográfico e de abordagem qualitativa. Concluímos, em consonância com a psicanálise, que a criança com autismo, deve ser olhada e compreendida como um sujeito, para além do diagnóstico médico.

**PALAVRAS-CHAVES:** Autismo; Psicanálise; Criança

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto das investigações teóricas oriundas da pesquisa na pós-graduação *stricto sensu*, do Programa de Pós-graduação em educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) campus de Francisco Beltrão – PR.

Propomos buscar historicamente os conceitos do autismo, para a psiquiatria e para a psicanálise. A partir do apanhado teórico, acerca da evolução histórica dos estudos e pesquisas do autismo, torna-se possível a compreensão dos direcionamentos e das configurações, do autismo, na atualidade.

Ressaltamos que, formalmente, os primeiros estudos psicanalíticos sobre o autismo se deram nos EUA no início do século XX, mesmo momento histórico em que o autismo surge como entidade clínica, ou seja, com particularidades próprias para a psiquiatria. Assim a psicanálise encontrava-se sobre forte influência da psiquiatria e vice-versa. Desta forma, como os precursores psicanalistas nessa área residiam nos EUA, notamos a importância que a psiquiatria representa na incorporação do autismo pela psicanálise.



Objetivamos neste artigo, discutir de forma teórica, os aspectos que influenciaram a retomada dos debates acerca do autismo na atualidade. As discussões sobre o autismo foram intensificadas nos meios de comunicação como rádio, internet e TV, principalmente, a partir da instituição da Lei Berenice Piana, aprovada em dezembro de 2012, que inclui o autista como uma pessoa com deficiência. É importante apontar que tais veículos de comunicação têm exercido um papel importante na divulgação e informação das peculiaridades do universo autista.

Neste artigo, abordaremos parte da história e evolução dos estudos sobre o autismo, que influenciaram os moldes contemporâneos. Logo, propomos uma discussão teórica a respeito da evolução histórica do autismo para a psiquiatria e para a psicanálise, e apresentaremos os primeiros psicanalistas que atenderam, clinicamente, crianças com autismo.

## 2 METODOLOGIA

Para embasar o referencial metodológico, inicialmente compreendemos que, conforme Lakatos e Marconi (2008) todas as ciências são caracterizadas pela utilização de métodos científicos, entretanto, nem todos os ramos de estudos que utilizam métodos são ciências. Assim, se por um lado a utilização de métodos científicos não é de uso exclusivo da ciência, por outro lado, não há ciência sem o emprego do método científico.

A partir deste entendimento, o aporte teórico utilizado, na presente pesquisa, tem o intuito de investigar como o estudo do autismo se consolidou e atingiu o status atual, para a psicanálise. O método de investigação é o materialismo histórico dialético, por meio, de uma pesquisa de cunho bibliográfico.

O método de investigação, materialista histórico dialético, prevê uma análise dialética sobre o autismo na história moderna, para que atingisse a perspectiva social atual. Assim, a escolha desse método possibilita uma compreensão crítica e dialética a respeito do autismo, regida pelas leis do capitalismo.

Frigotto (1987) ensina que o método é um dos primeiros aspectos que precisam ser observados no campo da pesquisa. Método, mesmo o dialético, é entendido como um conjunto de técnicas, estratégias e instrumentos utilizados para a realização da pesquisa científica.

O método dialético, de acordo com Gamboa in Fazenda (2010), aplicado à educação, tem a pretensão de se apresentar como uma nova opção entre a pesquisa empírico-analítica e a fenomenológica-hermenêutica. Desde a elaboração, do método dialético, como método de pesquisa científica, sua intenção estava de aproveitamento dos elementos, tanto das abordagens empíricas, como das postuladas na fenomenologia. A busca era uma síntese entre essas duas grandes tendências filosóficas. Com este objetivo, o método busca, nos dias atuais, tecer uma nova síntese, entre categorias, para ambas as abordagens.

Entendemos, portanto, que a presente pesquisa se reconhece como um processo aberto e em construção, que questiona e investiga historicamente sobre a

fundamentação e a contribuição da teoria psicanalítica para a compreensão do autismo na atualidade.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos o presente trabalho, apontando o fato, que é considerado historicamente o primeiro estudo sistemático do autismo infantil. Neste fato, temos, pela primeira vez, definições conceituais, divulgadas, tanto na medicina, como na educação, acerca do autismo infantil, que contribuíram para a trajetória evolutiva da psiquiatria e da psicanálise infantil.

Em 1799, caçadores encontraram em um bosque, ao Sul da França, um menino, em estado quase selvagem, com aparentemente 12 anos de idade. Após ‘capturado’, o menino foi levado para Philip Pinel, na França. Após ser avaliado, recebeu o diagnóstico de idiota, portanto, segundo seus estudos, o prognóstico era negativo e a doença irreversível. Entretanto, Itard, discípulo de Pinel, discordou de seu mestre e defendeu o pressuposto de que o menino poderia ser educado e, conseqüentemente, reintegrado à sociedade, apesar de ser “privado dos conjuntos dos conhecimentos sociais e, em particular, da linguagem, devido a seu isolamento profundo” (BERCHERIE, 2011, p. 127). Victor apresentou melhoras, mas não ao ponto de reversibilidade, portanto, os estudos de Itard foram considerados um ‘semi-fracasso’, visto que, o menino realmente foi considerado um idiota (conforme sistema classificatório da época), entretanto, apresentou significativas evoluções com os métodos educacionais empregados pelo pesquisador (BERCHERIE, 2011).

Sobre o caso, Feijó (2007) destaca que Itard acompanhou Victor (nome escolhido pelo próprio Itard, por significar vitória) numa instituição de surdos-mudos, para onde o menino selvagem foi enviado, após a conclusão de que o ele não se comunicava e, mais grave ainda, parecia não compreender as orientações repassadas. O método pedagógico adotado por Itard consistia no intuito de despertar a inteligência do menino a partir de cinco metas: 1) interesse pela vida social; 2) despertar a sensibilidade nervosa; 3) ampliar a esfera das ideias; 4) levar ao uso da fala e; 5) exercitar operações da mente. Bercherie (2011) aponta que o menino Victor, foi acompanhado por Itard durante cinco anos, e se tratava de um dos casos, da história da psiquiatria, publicado com maior riqueza de detalhes, inclusive nos fracassos. Fatores que chamam a atenção até os dias atuais, e que faz com que o caso, seja retomado em diversas pesquisas.

O que também engrandece a importância e a notoriedade do caso do Menino Selvagem, como lembrado por Póstel e Quétel (1987) é o fato de que, a partir dele, os psiquiatras começaram a se debruçar no estudo das psicoses infantis, assim ele é considerado o marco histórico que desencadeou as primeiras pesquisas nessa área. Em outras palavras, as psicoses infantis representaram, a partir do caso de Itard, um novo objeto de estudo para a medicina (MARFINATI; ABRÃO, 2011).

Inúmeros autores referenciam o episódio do ‘Menino Selvagem de Aveyron’ como o primeiro caso publicado na história, de tratamento de uma criança com

autismo. (BERCHERIE, 2011; FEIJÓ, 2007; BRANKS-LEITE e GALVÃO, 2000; PÓSTEL e QUÉTEL, 1987). Destacamos que na época o autismo não era considerado como entidade clínica, ou seja, classificado como uma doença. Todavia, todos os comportamentos de Victor relatados no estudo, induzem ao diagnóstico de que o menino selvagem se tratava na realidade, de uma criança com autismo. Portanto, este caso é carregado de representações históricas e metodológicas, afinal, além de ser o primeiro caso divulgado de uma criança com autismo e de instigar, na psiquiatria, o olhar para a infância, ainda demonstra aspectos metodológicos iniciais que tornam possível a clínica com crianças com autismo.

Com a decorrência destes estudos, na década de 1820, aumentaram, significativamente, as pesquisas e as observações sobre as tentativas de tratamento para os idiotas, originadas principalmente, no Hospital de Salpêtrière. Duas décadas mais tarde, ganhou destaque neste campo, o método educativo, anteriormente, utilizado por Itard, que influenciou a psiquiatria infantil, representando a médico-pedagogia. Método este que, na segunda metade do século XIX, influenciou o aumento de centros voltados ao diagnóstico e tratamento de crianças idiotas (MARFINATI; ABRÃO, 2011).

O caso do Menino Victor influenciou Séguin, um dos mais importantes alunos de Itard, na retomada dos métodos de seu mestre, originando um marco importante na história: a origem da educação especial. Nos EUA, Séguin fundou todo o sistema institucionalizado voltado para crianças 'anormais' e inspirou a nova pedagogia da época, por se tratar e um olhar para a criança e um sistema de classificação dessas crianças para as classes especiais (BERCHERIE, 2011).

Marfinati e Abrão (2011) fazem referência ao psiquiatra alemão Kraepelin por influenciar de forma direta o estudo sobre a doença mental, com a publicação de sua obra monumental *Tratado da psiquiatria*, de 1890 a 1907. O autor classificou uma nova forma de doença mental, aquela que afeta os pacientes prematuramente, assim, por entender que a demência aparece muito cedo, a denominou de *Dementia praecox* (demência precoce), mas não faz referência à psicopatologia infantil, visto que, para a psiquiatria da época as crianças eram consideradas, unicamente, como adultos em miniaturas.

Jerusalinsky (1984) também aborda a importância de Kraepelin, afirmando que, ao estabelecer a o diagnóstico da demência precoce, influenciou o aparecimento das entidades nosográficas, relativas à loucura na infância, de formas diferenciadas. Como consequência, surgem os termos 'psicose infantil' e 'esquizofrenia infantil' que antecedem o termo 'autismo' propriamente dito, ou seja, para referir-se a uma entidade clínica.

Assim, evidenciamos que a história das doenças mentais, inicialmente entendida e nomeada como loucura, se desenvolveu lentamente, e de forma ainda carregada de pré-conceitos, hipóteses e fundamentos questionáveis. Fatores estes que eram agravados e até negados, quando as discussões se voltavam para as crianças, tanto que, as obras de psiquiatras importantes como Kraepelin e Bleuler não faziam referência à psicopatologia na infância.

(...) nessa época, os transtornos da conduta infantil só interessavam os psiquiatras quando pareciam conter um diagnóstico criado para adultos (...). Em suma, as enfermidades psíquicas da infância não interessavam aos psiquiatras (...). Desse modo, as doenças mentais infantis eram classificadas segundo os moldes da nosografia psiquiátrica do adulto e tinham como proposta de tratamento o emprego de métodos educacionais, ou não eram passíveis de tratamento (MARFINATI; ABRÃO, 2014, p. 249).

Bercherie (2011) enfatiza que a primeira geração dos tratados de psiquiatria infantil, nas línguas alemã, francesa e inglesa, foram publicadas, apenas na segunda metade do século XIX, mais especificamente, no final da década de 1880. Antes disso, as referências à doença mental, na infância, eram mencionadas, timidamente, e sem predominância, como Esquirol em 1838 que diferenciou uma criança mentalmente defeituosa de uma criança psicótica; o médico psiquiatra Wilhelm Griesinger (1817 – 1868) que dedicou parte do seu famoso livro (Tratado sobre patologia e terapêutica das doenças mentais), em 1845, aos problemas psiquiátricos da criança; e o psiquiatra britânico Henry Maudsley (1835 – 1918) discípulo de Griesinger, que fez referência à ‘insanidade no começo da vida’ em seu livro *Psychology and Pathology of the mind* (Fisiologia e Patologia da mente).

Nesta mesma linha, Stelzer (2010) aponta o livro de Maudsley, publicado em 1867, como um dos marcos históricos consagrados sobre a compreensão das patologias nas crianças, mesmo reconhecendo que o capítulo voltado às crianças, se tratava de uma tentativa primitiva de relacionar o estado de desenvolvimento infantil com sintomas patológicos.

A educadora austríaca Heller também contribuiu para o desenvolvimento das pesquisas psiquiátricas e educacionais sobre o desenvolvimento das patologias na infância e introduziu o termo ‘psicose infantil’. Em 1908, a educadora acompanhou seis crianças que apresentavam um quadro clínico estranho e não descrito, com propriedade, até o momento. Após o desenvolvimento, aparentemente, típico na criança, com aproximadamente 3 ou 4 anos, elas iniciavam o desenvolvimento de um quadro regressivo com características não esperadas como rápida diminuição de interesse pelo ambiente e pelas pessoas, perda da fala ou aparecimento de uma linguagem estereotipada, perda do controle esfinteriano, retardamento mental, demência com maneirismos das atividades e nos gestos (BERCHERIE, 2011; STELZER, 2010). Pesquisadores acreditavam que tais crianças deveriam ser classificadas como dementes precoces. Entretanto, ao analisar as características elencadas, as evidências tendem para o diagnóstico de autismo nas crianças observadas por Heller.

Marfinati e Abrão (2014) destacam que o caso do ‘Menino Selvagem de Aveyron’ estudado por Itard em meados do século XIX, além de ser considerada uma das mais importantes de toda a história da psiquiatria infantil, permite que a psicanálise inicie uma reflexão sobre o autismo, campo que era até então, exclusivo da psiquiatria. Evidenciamos, por meio deste extrato, a importância que os estudos com o Menino Selvagem representam para a história da infância, tanto para a

construção das psicopatologias infantis na psiquiatria, quanto para um olhar da psicanálise para os conflitos emocionais originários na infância.

Além deste caso, que representa um importante laço entre a psiquiatria e a psicanálise, Marfinati e Abrão (2014) abordam também que, um dos primeiros entrecruzamentos da psiquiatria com a psicanálise, é originado pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1857 - 1939), ao renomear o quadro, inicialmente, proposto por Kraepelin como demência para esquizofrenia. Consequentemente, tanto a demência precoce como a precocíssima, foram reclassificadas como esquizofrenia infantil. A renomeação deste novo transtorno, descoberto e observado já na criança, provocou na psicanálise estudos sobre a infância como uma etapa do desenvolvimento importante e contundente, que era negada e indiferente para os estudiosos da época.

Becherie (2011, p. 134) aponta que “a progressão da clínica psicopatológica da criança efetuou-se essencialmente através dos estudos dos psicanalistas e podemos dizer que ela é, cada vez menos, separável dos esforços psicoterápicos a ela consagrados”. Para o autor, enquanto a clínica psiquiátrica do adulto é, originariamente, anterior à psicanálise, a estruturação da clínica psiquiátrica infantil só é possível em virtude dos estudos psicanalíticos sobre as crianças. Remontamos, portanto, a importância e o peso que a psicanálise representa para a compreensão da criança na sua totalidade, dos transtornos mentais na infância e por despertar o interesse e a possibilidade de tratamento psicológico e psiquiátrico para as crianças.

A pioneira sobre a técnica psicanalítica aplicada com crianças foi Anna Freud (1895 - 1982) a filha caçula de Freud. Anna publicou livros importantes sobre o tema, como ‘O tratamento psicanalítico de crianças’ (1927), ‘O ego e os mecanismos de defesa’ (1936) e ‘Infância normal e patológica’ (1965). Mesmo sendo considerada a precursora da técnica dentro da psicanálise, Calzavara (2012) enfatiza que Anna suponha o atendimento pela via pedagógica e defendia que, na clínica com crianças, as investigações deveriam permear as manifestações do ego ao invés de focar nos conflitos do inconsciente. Defendia, portanto, que os sintomas na criança, divergem dos sintomas nos adultos.

Calzavara (2012) destaca que o tratamento clínico com crianças, para Anna Freud, deveria, além da técnica analítica, utilizar o conhecimento pedagógico, pois reconhecia a dificuldade em utilizar a psicanálise pura com as crianças. Inclusive, “o viés educativo perpassa o tratamento psicanalítico proposto por Anna Freud” (p.57). Assim, no decorrer de sua evolução, como pesquisadora, Anna se distanciou da psicanálise, atitude que ela mesma reconhece. Em 1927 afirma que a técnica pedagógica associada à técnica analítica é preciosa para o tratamento clínico infantil, por entender que a criança, é um ser em desenvolvimento.

Merece destaque especial Melanie Klein, por ser a psicanalista que marcou a história com a real possibilidade do tratamento psicanalítico com crianças, ao desenvolver a técnica lúdica como uma forma de análise. Klein, auto intitulou-se uma precursora fiel de Freud, pois, aprimorou a teoria psicanalítica, ao direcioná-la para a compreensão da infância. Além de, lidar com as dificuldades da teoria freudiana, voltada para as crianças, substituiu a associação livre - associação livre é o método

terapêutico por excelência da psicanálise. Freud o inventou em substituição ao hipnotismo no tratamento das neuroses. Na associação livre o paciente é orientado a dizer o que lhe vier à cabeça, deixando de dar qualquer orientação consciente a seus pensamentos. nos adultos pelo brincar nas crianças (GUELLER; SOUZA, 2008). Evidenciamos que Klein, diferente de Anna Freud, estava focada em investigar o inconsciente infantil. Para tanto, entendia a brincadeira durante a terapia, como um caminho para o inconsciente, portanto, o substituto da associação livre.

Para Gueller e Souza (2008) a nova ferramenta, que permite a análise com crianças, a técnica lúdica desenvolvida por Melanie Klein, marcou o início da técnica do brincar, tanto que, em seu primeiro artigo publicado em 1919 ‘Desenvolvimento de uma criança’ a psicanalista já fazia referência à técnica, mesmo que, neste período ainda não a descreve formalmente. Klein percebia que o jogo simbólico e a simbolização traziam muita utilidade para a criança, já que, a capacidade de simbolização na criança, permite que ela expresse seus conteúdos inconscientes, por meio, das representações e das identificações com personagens e brincadeiras.

Verificamos que Klein buscou aproximar o máximo possível, a técnica analítica clínica, desenvolvida por Freud, para os adultos, com a técnica clínica analítica para as crianças. Para tanto, substituiu a ‘palavra’ pelo ‘brincar’, fator que produziu uma mudança essencial na técnica psicanalítica.

Nesta mesma senda, Calzavara (2012) sublinha que, as investigações teóricas de Klein, por meio, da técnica do brincar, resultaram numa nova compreensão acerca do desenvolvimento emocional infantil, referente à exploração da fase mental mais primitiva. Gueller e Souza (2008) destacam que tal exploração, se refere aos aspectos primordiais no desenvolvimento infantil. O principal deles é a presença do sadismo, de forma intensa na criança, manifesto pelo superego que opera, precocemente, e de forma mais rígida do que no adulto. Consequentemente, o sentimento de culpa existente, na criança, e pode inibir sua expressão e seus sentimentos em relação às pessoas amadas.

Gueller e Souza (2008) apontam a importância do brincar, do jogo e do simbólico sobre a capacidade de pensar, de explorar as fantasias e da autonomia desenvolvidas nas crianças, com transtornos mentais, ao lembrar que o primeiro tratamento psicanalítico de uma criança com autismo – O caso Dick – que foi realizado por Melanie Klein, em 1930, e publicado no seu artigo: ‘A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego’. Lembramos que o autismo foi considerado entidade clínica em 1940, assim Klein atendeu essa criança, antes mesmo da classificação formal do autismo, como uma doença e particularidades próprias, para a psiquiatria.

Para Petot (2008) o caso Dick, criança de quatro anos, muda e retardada, se tratava de um caso no qual as inibições do brincar e das associações livres dificultavam a produção de material suficiente para as interpretações necessárias. Além disso, o contato frio e distante impedia a intervenção do analista, pois, não era possível nem figuração simbólica, nem manifestação afetiva durante as tentativas de aproximação da psicanalista com a criança.

Klein, ao relatar sobre o caso Dick, assinalou algumas características da criança, que posteriormente, demonstram que se tratava de uma criança com autismo. O menino, de quatro anos, foi comparado a uma criança de 15 ou 18 meses, quando se observava, a pobreza de seu vocabulário e de suas realizações intelectuais. Dick, dificilmente explanava afeto ou preocupação, com a ausência/presença, da mãe ou da babá. Raramente demonstrava interesse por alguma brincadeira ou objeto e não possuía contato com o ambiente. Não demonstrava interesse em utilizar seu pobre vocabulário, apenas repetia alguns ruídos, e quando raramente falava, o fazia de forma desconexa. Klein, concluiu que, não se tratava, apenas, da dificuldade de se fazer entender, mas na realidade, o menino também não tinha vontade de fazê-lo (AZEVEDO, 2011).

Tratava-se, portanto, de uma análise lenta e complicada e que, inicialmente, desconcertou Melanie Klein. No entanto, a partir desta análise, Klein divulgou aspectos contundentes e importantes, acerca da sua teoria sobre a psicopatologia infantil, entendida como a mais importante da história recente (PETOT, 2008).

Para Klein há “a descoberta da existência na criança pequena de formas de psicose irreduzíveis àquelas observadas no adulto” (p.155). Portanto, enfatiza que o sofrimento e as psicoses observadas nas crianças estão no mesmo grau daquelas dos adultos, isso pelo fato de que, o sadismo no seu apogeu, durante a infância, precisa ser dominado pelo ego, por meio dos mecanismos de defesa e que facilmente assume a máscara de retardo (PETOT, 2008).

Notamos, portanto, que as pesquisas de Klein, entre 1927 e 1932 contribuem para o encontro das psicoses infantis, tanto com a psicanálise quanto com a psiquiatria. Petot (2008) anuncia que as teorias e a classificação de Klein tornaram possíveis e até anteciparam os progressos em relação à psicopatologia infantil, que inclusive, tiveram estudos mais detalhados e formais, somente meio século mais tarde.

Outra contribuição, tão brilhante quanto Klein, refere-se a Françoise Dolto, que também se dedicou para as possibilidades da clínica analítica com crianças. Dolto, inicia seus estudos, acerca da psicanálise com crianças, na década de 60, apoiada pela teoria lacaniana.

Rosa (2009) remonta que “a criança lacaniana é essencialmente inserida na estrutura desejante da família” (p. 66). Ao considerar essa máxima, Dolto, compreende que a criança é o efeito do desejo do Outro - termo Outro, com referência à obra freudiana, corresponde a uma conotação genérica daquele (s) que se ocupa (m) dos primeiros cuidados do bebê (FERNANDES, 2000) - que remonta a determinação histórica e social do sujeito. O inconsciente, portanto, é compreendido como uma experiência social; tais aparatos teóricos influenciaram os estudos e os atendimentos clínicos de Dolto.

A possibilidade de tratamento analítico, na França, para as crianças com patologias, foi inaugurado por Dolto na década de 30. Portanto, Dolto marca a história, como a pioneira, na França, com a utilização da técnica analítica, com crianças consideradas ‘anormais’ na época.

A partir dos referências teóricas de Dolto, Kupfer (2004) aborda que, a criança com autismo, desenvolve um esquema corporal, que funciona de forma autônoma ao sujeito. De certa forma, é como se não existisse, uma relação de causalidade entre o corpo e a linguagem. Este aspecto é chamado de ‘viscosidade’ e pode ser observado, nos casos, de crianças com autismo, que não sabem beijar seu semelhante; quando tal atitude é ensinada, este autista aprende, apenas, encostar os lábios na outra pessoa.

Dolto definiu esquema corporal, como uma ferramenta que organiza a relação entre o sujeito e o mundo. O esquema corporal funciona, como uma espécie de intérprete da objetivação do sujeito, e dá suporte para a imagem corporal – que existe desde a concepção, e a todo o momento. A intersubjetividade, do sujeito, é ocasionada pelo seu esquema corporal, este por sua vez, provoca a sensação de prazer, em direcionar a linguagem para o outro. Assim, a criança com autismo, apresenta dificuldade na elaboração do suporte do esquema corporal, portanto, não desenvolve o prazer pela comunicação (KUPFER, 2004).

As considerações, sobre o desenvolvimento das psicopatologias, que surgem como consequências, do estabelecimento do esquema corporal, são investigadas por Dolto. Kupfer (2004) discorre que é possível notar, na criança com autismo, à aparente perda do reconhecimento das vozes dos familiares, além de tornar-se muda, essa criança se torna não ouvinte, para as palavras humanas, absorvendo apenas os ruídos. O outro se torna fonte de sensações e não de percepções.

Dolto, nesses casos, pergunta pelo sujeito que deveria estar presente desde o início do nascimento. Mas seja qual for a razão, ele não assume, pela mediação de uma imagem corporal, um esquema corporal, que passa por isso a “viver sozinho, como um espécime anônimo da espécie”. Há, segundo ela, uma separação entre sujeito e corpo (...). O sujeito parece retirar o desejo do seu corpo e tenta a descansar do trabalho de viver com esse corpo na realidade (KUPFER, 2004, p. 2).

Compreendemos, portanto, o significado da relação entre, o esquema corporal e a linguagem, no desenvolvimento do sujeito. Dolto (1996) relacionou a evolução do sujeito, com a capacidade de expressão de suas angústias, que vai além do corpo – entendido como o “mediador primeiro entre ele e o mundo (p. 54). Essas expressões, por meio de sons, gestos, sinais e linguagens mediadoras, com a intenção de traduzir a angústia humana e ter a capacidade de transcendê-la, para se relacionar com os outros, não ocorre com os autistas de maneira satisfatória.

Após este apanhado, sobre as principais influências psicanalistas, acerca da compreensão da criança, Rosa (2009) lembra que, para Anna Freud, a criança aparece sobreposta à infância. A criança persiste no que lhe permitiu imaginar um bom começo e que, conseqüentemente, evitaria a neurose. Nesta vertente, Klein concebeu que a análise infantil, seria uma forma de evitar as neuroses. Respalhada pelo aparato teórico mais psicanalítico, enfatizou a primeira infância, o bebê, ao teorizar um Édipo precoce, antes do Complexo de Édipo freudiano, para tornar possível a clínica com crianças pequenas. Por fim, Dolto, buscou a primeira cena, compreendida como a pré-história do sujeito, no discurso de seus pais, que é



impregnado pelo imaginário social. Abarcamos, a partir da explanação destas importantes contribuições, acerca da possibilidade da clínica com crianças, que a psicanálise está estruturada, no que tange, a compreensão e o olhar para a criança quanto sujeito desejante.

#### 4 CONCLUSÃO

A partir do presente artigo, compreendemos a evolução e trajetória histórica do autismo para a psicanálise e para a psiquiatria. Notamos que tais áreas, representam fortes enlaces, desde o início dos estudos e descobertas acerca do transtorno do autismo.

Inicialmente a psiquiatria, voltada para o estudo da loucura e, posteriormente, voltando a atenção para os estudos, do que na época era chamado de idiotia, percorre um longo caminho para chegar ao patamar atual sobre a compreensão da doença mental. Há momentos em que a psiquiatria e a psicanálise percorrem caminhos diferentes, no entanto, evidenciamos que, no tratamento de crianças com autismo, a psicanálise e a psiquiatria precisam estar lado-a-lado, para garantir o tratamento adequado para os sujeitos com autismo.

A psicanálise, em todo o seu percurso histórico, sofreu fortes críticas e julgamentos, no que tange, às suas descobertas. Em relação ao autismo e história se repete. Ainda notamos uma disputa teórica infundada, que parte do pressuposto da centralidade do conhecimento e da valorização excessiva de determinadas formas de tratamento, como se fossem únicas e exclusivas. Entretanto, notamos que a psicanálise se preocupa com o autismo, desde que surgiu como abordagem de tratamento e compreensão das doenças mentais.

Durante todo o percurso histórico, destacamos as psicanalistas infantis renomadas como Anna Freud, Klein e Dolto. Suas contribuições, além de valiosas, representam a preocupação e o olhar para a criança, fatores fundantes para a psicanálise infantil. Enfatizamos, portanto, que as crianças com autismo, foram realmente olhadas pela psicanálise.

Por meio do aporte teórico destacado, concluímos que a grande contribuição da psicanálise refere-se ao olhar a criança com autismo para além de suas estereotípias. A criança, além do autismo, ou seja, compreender a criança com um sujeito, como uma construção histórico social. A psicanálise, respeita os limites da criança, natural em todo ser humano, entretanto, dar ouvidos e olhos para as crianças com autismo, representa, sem dúvida a contribuição mais especial da psicanálise, para o estudo do transtorno do autismo.

#### REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F.C.; **Autismo e Psicanálise: o lugar possível do analista na direção do tratamento.** Curitiba: Juruá, 2011.

BERCHERIE, P. A clínica psiquiátrica da criança. Tradução de Oscar Cirino. In: CIRINO, O. **Psicanálise e Psiquiatria com crianças**. Desenvolvimento ou estrutura. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 123-144.

CALZAVARA, M. G. P.; (2013) Anna Freud e Melanie Klein: o sintoma como adaptação ou solução? **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, 45 (1), p. 323- 338.

Dolto, F. (1996). **No jogo do desejo** (V. Ribeiro, trad., 2a ed.). São Paulo: Ática.

FEIJÓ. M.C. **O Garoto Selvagem em Três Tempos**: Victor de Aveyron e uma história cultural da inteligência. In: FACON, número 18, 2007.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: Fazenda, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1987.

FERNANDES, L. R. **O olhar do engano, autismo e o Outro primordial**. São Paulo: Escuta, 2000.

GAMBOA, Silvio A. S. A dialética na pesquisa em educação: elementos em contexto. In FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12<sup>a</sup> ed. São Paula. Editora: Cortez, 2010.

GUELLER, A. S. e SOUZA, A. S. L. **Psicanálise com crianças**: perspectivas teórico-clínicas. São Paulo: Casapsi, 2008.

JERUSALINSKY, A.; **Psicanálise do Autismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

KUPFER, M. C. M. **Autismo: uma estrutura decidida?** Uma contribuição dos estudos sobre bebês para a clínica do autismo.. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5., 2004, São Paulo. <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000032004000100005&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032004000100005&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 28 de abril 2016.

LEITE, L.B.; GALVÃO, I. Uma introdução à história de Victor de Aveyron e suas repercussões. In: BANKS-LEITE, L; GALVÃO, I. (Orgs.) **A Educação de um Selvagem**: As experiências pedagógicas de Jean Itard. São Paulo: Cortez, 2000. p. 11-24.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARFINATI, A.C.; ABRÃO, J.L.F. (2011). O pensamento psicanalítico sobre o autismo a partir da análise da revista *Estilos da Clínica*. **Estilos da Clínica: Revista da infância com problemas**, 16 (1), 14-31.

MARFINATI, A.C.; ABRÃO, J.L.F. (2014). Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito do autismo. **Estilos da Clínica: Revista da infância com problemas**, 19 (2), 244-262.

PETOT, J. M. **Melanie Klein I**. 2a ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ROSA, M. D. **Histórias que não se contam**: o não-dito na psicanálise com crianças e adolescentes. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

STELZER, Fernando. **Uma pequena história do autismo**. São Leopoldo: Pandorga, 2010.

**ABSTRACT:** The present article proposes to investigate historically, the theoretical course on autism in the child, for psychoanalysis and for psychiatry. We emphasize that autism, because it is a theme permeated by taboos, generates questions and interests in different areas of knowledge. The development of sexuality in the child is a subject little discussed and full of cultural and social prejudices. This research investigated, dialectically, the development of sexuality in children with autism. Autism, classified by the DSM-V (2013) as TEA (Autism Spectrum Disorder) is a theme that has gained social visibility and is increasingly taking up space in academic and scientific research. However, we aim to discuss theoretically, as autism has set itself, for psychiatry and for psychoanalysis. As the research method is the dialectical historical materialist, the historical and critical investigation about autism is necessary for the understanding of the ways and the course of the study on the child with autism in the current molds. This article is a bibliographical and qualitative approach. We conclude, in agreement with psychoanalysis, that the child with autism should be looked at and understood as a subject, in addition to the medical diagnosis.

**KEYWORDS:** Autism; Psychoanalysis; Child.

## Sobre os autores:

**Adair José dos Santos Rocha** Professor da Escola Superior Dom Helder Câmara. Graduação em Pedagogia Orientação Educacional pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão. Graduação em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [adair.jose@domhelder.edu.br](mailto:adair.jose@domhelder.edu.br)

**Ademar Maia Filho** Graduação 1: Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Graduação 2: Tecnologia em Recursos Hídricos / Saneamento Ambiental pelo Instituto Centro de Ensino Tecnológico - Instituto CENTEC; Especialização em Educação Ambiental pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Mestrando do Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER) da Universidade Federal do Cariri (UFCA); (URCA). E-mail: [ademarfilho\\_9@hotmail.com](mailto:ademarfilho_9@hotmail.com)

**Ana Maria de Oliveira Paz** Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Membro do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN); Graduação em Letras pela UFRN; Mestrado em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN); Doutorado em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN), Vinculada ao Grupo de Pesquisa Letramentos e Contemporaneidade – PPgEL/UFRN; E-mail para contato: hamopaz.hamopaz@hotmail.com

**Angela Morais da Silva** Psicóloga da Secretaria de Saúde do Estado do Paraná, lotada no Hospital Regional do Sudoeste Walter Alberto Pecòits – Francisco Beltrão-PR, desde 2011. Atuou, por 6 anos como professora colaboradora do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão-PR. Graduação em Economia Doméstica pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí; Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO; Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO; E-mail para contato: [angelynhamorais@gmail.com](mailto:angelynhamorais@gmail.com)

**Antonio José Araujo Lima** É natural de Buritirana – MA. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Especialista em Ludopedagogia e Pedagogia Hospitalar pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais (INTERVALE) e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da UFMA.

**Ariane Crociari** Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara. Mestranda em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara; Pesquisadora do Grupo de estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização UNESP. E-mail para contato: [arianecrociari@hotmail.com](mailto:arianecrociari@hotmail.com)

**Célia Sousa** Docente Adjunta do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IQ/UFRJ); Graduação em Química industrial pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Medicina veterinária pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); Mestrado em Físico-Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (DFQ/ IQ/ UFRJ); Doutorado em Engenharia Metalúrgica e de Materiais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/ UFRJ); Pós-doutorado no Laboratoire Interfaces et Systèmes Electrochimiques (LISE/ UPMC-Fr) e no Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (CESTEH/ Fiocruz); Idealizadora, pesquisadora e Coordenadora do GIEESAA/IQ/UFRJ; E-mail para contato: [sousa@iq.ufrj.br](mailto:sousa@iq.ufrj.br)

**Ciro de Oliveira Bezerra** Professor da Universidade Federal de Alagoas - UFAL; Graduação em CIÊNCIAS ECONÔMICAS pela Universidade FEDERAL FLUMINENSE; Mestrado em EDUCAÇÃO pela Universidade FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; Doutorado em SOCIOLOGIA pela Universidade FEDERAL DE PERNAMBUCO; Grupo de pesquisa: SOCIOLOGIA DO TRABALHO PEDAGÓGICO, CURRÍCULO E FORMAÇÃO HUMANA – UFAL E-mail para contato: [ciro.ufal@gmail.com](mailto:ciro.ufal@gmail.com)

**Cláudia Madrona Moreira Haas** Professora da Escola Superior Dom Helder Câmara. Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

**Dagmar Santos Roveratti** Possui graduação em Ciências Biológicas, mestrado em Agronomia pela ESALQ - USP e doutorado em Saúde Ambiental - USP. É professora em Regime de Tempo Integral do Centro Universitário Fundação Santo André, ministrando disciplinas relacionadas às áreas de Botânica, Ecologia e Pesquisa; membro integrante do conselho editorial da Revista RadarScientia; escritora e consultora do Instituto de Prevenção, Saúde e Sexualidade; revisora de textos técnicos para a Editora Moderna. Foi assessora técnica do Projeto Arandú-Porã (Seleção Pública Petrobras Ambiental 2006). Tem experiência nas áreas de Botânica, Meio Ambiente e Saúde Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: plantas medicinais, plantas tóxicas, etnobotânica, arborização urbana, invasão biológica; educação ambiental, saúde ambiental.

**Danielle dos Santos Costa** Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, *Campus* Santa Maria da Boa Vista; Graduação em Letras – Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

**Deliane Macedo Farias de Sousa** Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco – UPE. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Membro do grupo de pesquisa (CNPq) Centro de Estudos Linguísticos e Literários da UPE – CELLUPE; e-mail: [delianemfs@gmail.com](mailto:delianemfs@gmail.com)

**Elaine Viviane da Silva.** Docente da Escola Técnica José Humberto de Moura Cavalcanti; Enfermeira Assistencial Hospital Regional José Fernandes Salsa; Graduação: Uninassau; Especialista em Ensino em Enfermagem; Especialista em Saúde Pública e das Comunidades; Email: [evivi2@yahoo.com.br](mailto:evivi2@yahoo.com.br).

**Francisco José Figueiredo Coelho** Docente I de Ciências e Biologia da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ); Coordenador e Docente colaborador na disciplina Educação, Drogas e Saúde nas escolas do Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Fundação CECIERJ); Licenciado em Ciências biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ); Mestrado em Tecnologia Educacional para as Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUTES/UFRJ); Doutorando em Ensino de Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ); Pesquisador colaborador e Coordenador de GT do Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA) - Departamento de Físico-Química, Instituto de Química. E-mail para contato: [ensinodeciencias.ead@gmail.com](mailto:ensinodeciencias.ead@gmail.com)

**Francisco Mário de Sousa Silva** Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri- UFCA; Mestrando em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri- UFCA; Grupo de Estudo e Pesquisa em Estudos Regionais, História da Educação e Políticas Educacionais- URCA; Laboratório de Estudos Avançados em Desenvolvimento Regional Sustentável- LEADERS/UFC; Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico- FUNCAP ; E-mail: [fcomariojrnl@yahoo.com.br](mailto:fcomariojrnl@yahoo.com.br)

**Gabriela Gerlaine Tabosa da Silva.** Supervisora de Nutrição Clínica Rede D' Or São Luiz, Hospital Esperança São Marcos; Graduação: Uninassau ; Especialização em Saúde Pública com ênfase em PSF; E-mail: para contato: [nutri.gabrielatabosa@hotmail.com](mailto:nutri.gabrielatabosa@hotmail.com).

**Geovânia da Silva Toscano** Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN; Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN; Professora da Universidade Federal da Paraíba-UFPB; Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN; Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN; Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Rio Grande do Norte-UFRN; Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Ensino-UFPB

**Germana Lima de Almeida** Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Especialista em Geografia e Meio Ambiente pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Bolsista da Fundação Coordenação Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**Giseli Monteiro Gagliotto** Professora da Universidade UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste Do Paraná; Graduação em Psicologia pela Universidade UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina; Graduação em Pedagogia pela Universidade UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina; Mestrado em Psicologia pela Universidade UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina; Doutorado em Educação pela Universidade UNICAMP/SP; Pós Doutorado em Psicologia pela Universidade UNIDEP - Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento, do Instituto Universitário da Maia – Portugal; Grupo de pesquisa: É líder do Laboratório e Grupo de Estudos e Pesquisas: Educação e Sexualidade - LABGEDUS-CCH/UNIOESTE, coordenando a linha de pesquisa intitulada Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre Infância, Sexualidade e Educação Sexual e sua importância para a formação docentes;

**Haroldo Moraes de Figueiredo** Professor Adjunto I, do Curso de Licenciatura em Educação Física, Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco; Possui Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal de Pernambuco; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; Coordenador Pedagógico do projeto de extensão intitulado “Educação Física e Cultura de Movimentos para Alunos com Deficiência”;E-mail para contato: haroldolaboral@hotmail.com

**Isabel Joane do Nascimento de Araujo** Licenciada em biologia pelo Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte- IFRN, Campus Macau,. Email: isabel-araujo84@hotmail.com

**Jaqueline Tubin Fieira** Professora da Universidade UNISEP – União de Ensino do Sudoeste do Paraná; Graduação em Psicologia pela Universidade UNIBAN – Universidade Bandeirantes de Ensino; Mestrado em Educação pela Universidade UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Grupo de pesquisa: Grupo de Estudos e Pesquisas: Educação e Sexualidade, LABGEDUS-CCH/UNIOESTE, na linha de pesquisa intitulada Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre Infância, Sexualidade e Educação Sexual e sua importância para a formação docentes; E-mail para contato: [jakefieira@hotmail.com](mailto:jakefieira@hotmail.com)

**Kelyana da Silva Lustosa** Graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande; Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Campina Grande; Bolsista Demanda Social pela Fundação CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; E-mail para contato: kelyanalustosa@gmail.com

**Klébia Ribeiro da Costa** Professora da Educação Básica da Rede Municipal de Natal e do Ensino Superior da Faculdade Estácio de Natal; Graduação em Letras (UnP) e em Pedagogia (UFRN); Mestrado em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN);

Doutorado em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN) – em curso; Vinculada ao Grupo de Pesquisa Letramentos e Contemporaneidade – PPgEL/UFRN; E-mail para contato: klebiaribeiro@yahoo.com.br

**Lara Colognese Helegda** Professor Adjunto I, do Curso de Licenciatura em Educação Física, Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco; Possui Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC); Bacharel em Fisioterapia pelo Centro Universitário Metodista (IPA); Mestrado em Engenharia Elétrica com ênfase em Engenharia Biomédica pela PUCRS; Doutorado em Ciências da Saúde pela PUCRS; Coordenadora Gestora do projeto de extensão intitulado “Educação Física e Cultura de Movimentos para Alunos com Deficiência”; E-mail para contato: laracolognese@yahoo.com.br

**Laura Santos de Oliveira** Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail para contato: laura1@hotmail.com

**Luciene Peixoto da Silva.** Acadêmica do Curso de Nutrição- Uninassau. Email: luciene\_pds@yahoo.com.

**Luísa Ameduri** Formada em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Fundação Santo André (2016). Sempre foi apaixonada pela vida em todas as suas formas e especialidades. Despertou seu interesse pela botânica quando auxiliou nas pesquisas de campo para estudo de mestrado que analisou a interação ecológica entre cactaceae e aranhas, na Reserva do Alto da Serra de Paranapiacaba (2013). Em 2014 teve a oportunidade de trabalhar em campo com diagnóstico e risco de queda de árvores, junto do Instituto de Pesquisas Tecnológicas, em um projeto de arborização no município de Mauá-SP. Tem grande interesse em continuar seus estudos em arborização urbana, ciências florestais, recuperação de áreas degradadas e conservação do meio ambiente. Email: luisa.ameduri@gmail.com

**Luiz Fernandes da Costa** Professor da Faculdade Machado de Assis – FAMA; Graduação em Matemática Plena pelas Faculdades Integradas Campograndenses (FIC); Mestrado em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Doutorando em Epistemologia e Ciências pela Universidad Nacional Tres de Febrero (UNTREF – Buenos Aires – Argentina); E-mail para contato: [luiz.fernandes2008@hotmail.com](mailto:luiz.fernandes2008@hotmail.com)

**Luiza Maria Valdevino Brito** Docente da Secretaria de Educação Básica do Ceará- SEDUC; Graduação: Licenciatura Biologia pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Especialização em Ecologia pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Mestranda do Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER) da Universidade Federal do Cariri (UFCA); Grupo de Pesquisa em Agroecologia e Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri (UFCA); E-mail: luizavbrito@yahoo.com.br

**Luzenilda da Silva Emiliano** Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas – UFAL E-mail para contato: luzenildaemiliano@hotmail.com



**Marcelo Manoel Melo de Lima** Acadêmico do Curso de Licenciatura em História/EAD pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; E-mail para contato: marcelolimaom@hotmail.com

**Marcia Cristina Argenti Perez** Docente e pesquisadora da Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras UNESP FCLAr. Membro docente do Programa de Pós Graduação em Educação Sexual na UNESP FCLAr. Líder do Grupo de estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização UNESP CNPq. Graduada em Pedagogia pela UNESP FCLAr. Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo, USP FFCLRP. Doutora em Ciências, concentração em Psicologia pela Universidade de São Paulo, USP FFCLRP. Email: [marciacap@fclar.unesp.br](mailto:marciacap@fclar.unesp.br)

**Maria Ayrilles Macêdo** Graduação em Psicologia Pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO); Pós—Graduada na Modalidade Residência em Saúde da Família e Comunidade pela escola de Saúde Pública do Estado do Ceará; Mestranda do Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER) da Universidade Federal do Cariri (UFCA); E-mail: ayllesmacedo@hotmail.com

**Paulo Augusto de Lima Filho** Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrado e Doutorado em Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: paulo.filho@ifrn.edu.br

**Priscila Tamiasso-Martinhon** Docente Adjunta do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IQ/UFRJ); Bacharelado e Licenciatura em Química pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Mestrado e Doutorado em Físico-Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (DFQ/ IQ/ UFRJ); Pós-doutorado no Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde (CDTS/ Fiocruz) e no Laboratoire Interfaces et Systèmes Electrochimiques (LISE/ UPMC-Fr); Pesquisadora e Coordenadora de GT do GIEESAA/IQ/UFRJ; E-mail para contato: [pris@iq.ufrj.br](mailto:pris@iq.ufrj.br)

**Raphael Mota Guillarducci** Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) com período sanduíche na California State University (CSU). Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Pesquisador do Núcleo de Estudos – Tempos, Espaços e Educação Integral (Neephi/UNIRIO). Contato: rhmguila@gmail.com

**Ronaldo Silva Júnior** É natural de São Luís – MA. Graduado em Direito pela Universidade Ceuma (UNICEUMA), Especialista em Direito Penal e Direito do Consumidor pela Universidade Estácio de Sá. Professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA/Campus Pinheiro.

**Thays Rosa do Nascimento** Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail para contato: thaysrosa22@gmail.com

**Zuleide Fernandes de Queiroz** Professora da Universidade Federal do Cariri- URCA; Faculdade de Medicina de Juazeiro do Norte- FMJ; Faculdade de Juazeiro do Norte- FJN. Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará- UFC; Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC ; Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC ; Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN ; Grupo de Estudo e Pesquisa em Estudos Regionais, História da Educação e Políticas Educacionais- URCA

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-86-8



9 788593 243868